

O NÃO VOTO EM NOME DA FÉ: SILAS MALAFAIA E O 2º TURNO DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 2020

**Emanuel Freitas da Silva¹
Kerolaine de Castro Oliveira²**

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar as relações entre religião e política no Brasil contemporâneo, tomando como *corpus* de análise vídeos publicados pelo pastor evangélico da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, Silas Malafaia. Um dos mais importantes líderes evangélicos do país, proprietário de um considerável conglomerado midiático (que vai de programas de rádio, editora e TV), Malafaia tem se destacado no cenário político nacional pelo menos desde a eleição de 2010. No ano de 2020, durante o segundo turno, produziu uma série de vídeos sobre a disputa em diversos municípios, interpelando seus interlocutores como “*povo abençoado*” e proferindo uma série de ataques aos candidatos de esquerda, utilizando-se da ocasião para reproduzir sua oposição a tal campo político a partir da ideia de “perigo” que suas vitórias poderiam representar. Ao analisarmos sua argumentação, defendemos a hipótese de que sua discursividade traduz elementos de uma “guerra cultural” encetada por grupos conservadores no espaço público contemporâneo, com considerável capital midiático, sobretudo nas redes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: eleições; imaginário; capital midiático.

NON-VOTING IN THE NAME OF THE FAITH: SILAS MALAFAIA AND THE 2nd SHIFT OF THE 2020 MUNICIPAL ELECTIONS

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the relationship between religion and politics in contemporary Brazil, using videos published by the evangelical pastor of the Assembly of God Victory in Christ Church, Silas Malafaia, as a corpus of analysis. One of the most important evangelical leaders in the country, owner of a considerable media conglomerate (ranging from radio, publishing and TV programs), Malafaia has stood out on the national political scene at least since the 2010 election. the second round, produced a series of videos about the dispute in several municipalities, asking their interlocutors as “blessed people” and making a series of attacks on the candidates of the left, using the occasion to reproduce their opposition to such political field from the idea of “danger” that their victories could represent. When analyzing his argument, we defend the hypothesis that his discursivity translates elements of a “cultural war” started

¹ Doutor em Sociologia (UFC). Professor de Teoria Política (FACEDI/UECE). Pesquisador das áreas de Religião e Política. Professor dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e em Planejamento e Políticas Públicas (UECE). Contato: emmanuel.freitas@uece.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6304-4316>

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e graduanda em Ciências Sociais (UECE). Contato: kerolaine.oliveira@aluno.uece.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7714-2520>.

by conservative groups in the contemporary public space, with considerable media capital, especially in social networks.

KEYWORDS: elections; imaginary; media capital.

INTRODUÇÃO

A participação de atores do campo religioso na esfera pública, seja no Brasil seja no cenário internacional, nas últimas décadas, tem produzido importantes modificações no campo político e nos discursos nele proferidos, despertando a atenção de pesquisadores de diversas áreas do saber. Os evangélicos pentecostais³, sobretudo, têm ocupado parte considerável desses estudos, uma vez que atuam com mais desenvoltura no espaço midiático, o que os faz estar à frente da comunicação católica, por assim dizer, seja por meio de líderes apresentadores de programas de TV e de Rádio, a posse de emissoras, editoras, cantores e, mais recentemente com a entrada em cena das redes sociais, como *influencers* digitais⁴.

O presente artigo analisa a retórica empregada por um dos mais importantes pastores e *influencers* brasileiros, Silas Malafaia, durante a campanha eleitoral que antecedeu a votação do segundo turno das eleições municipais de 2020. O referido pastor fez circular um conjunto de vídeos, publicados em suas redes sociais e no seu canal no *YouTube*, ocasião em que enunciava as razões pelas quais os eleitores de cinco cidades (Recife, Fortaleza, São Paulo, Porto Alegre e São Gonçalo) não poderiam votar nos candidatos de esquerda destas cidades, mostrando as razões para que tal ação (o não voto) se produzisse, com destaque para uma suposta ameaça “aos valores cristãos” Assim, a escolha por esses vídeos se deu pelo fato de, por meio deles, em vez de se posicionar em favor de algum dos candidatos na disputa, postando-se assim como fiador desta candidatura, Malafaia utilizou-se de sua notoriedade para fazer uma

³ Sob esta alcunha encontram-se sujeitos que pertencem a diversas denominações religiosas, surgidas ainda no século XX (tais como Congregação Cristã, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, Universal do Reino de Deus dentre outras), cuja espiritualidade, alicerçada na ideia de “batalha espiritual” e de “guerra contra o diabo”, tem aglutinado cada vez mais coletividades por todo o mundo, sobretudo nas Américas. Sobre a espiritualidade pentecostal ver Mariano (2014).

⁴ Estudos como o de Cunha (2007) apontaram o fenômeno a partir da ideia de “explosão gospel”, analisando o cenário de expansão do protestantismo no Brasil a partir de várias frentes, desde a educação confessional, passando pelo considerável número de artistas do mercado fonográfico, produção bibliográfica e produção de vários produtos para “consumo gospel” e a inserção dos “irmãos” nos negócios “do mundo”, algo muito próximo daquilo que Weber (1979) observara num povoado dos Estados Unidos, no começo do século XX.

anticampanha, discursando em desfavor de um dos candidatos na disputa, apontando as razões pelas quais não se deveria votar no candidato em questão, em cada uma das cidades. Uma das razões para essa tomada de posição, pensamos aqui, é o fato destas cidades, algumas delas capitais, representarem, naquele momento, a possibilidade de partidos de esquerda virem a derrotar candidatos apoiados ou alinhados com o governo de Jair Bolsonaro e identificados mais à direita e ao espectro conservador do campo político.

A retórica empregada pelo pastor, valendo-se de uma semântica de “guerra espiritual”, antecedida por um “alerta” (que apontava para uma ação, o voto na esquerda, como algo “perigoso” para a continuidade da fé cristã) e que mantinha a ideia de vigilância em relação aos supostos perigos do chamado marxismo cultural e da propalada ideologia de gênero, dá mostras de um certo moralismo triunfalista a partir da atuação política de um líder que visa “manipular escolhas eleitorais”, como lembra Charaudeau (2016a), a partir de argumentos encenados que produzem a (falsa) crença no fim da cristandade que estaria a se instalar caso os candidatos atacados em cada um dos vídeos viessem a ser eleito ou eleita. Sua atuação, como veremos, pode ser observada a partir da compreensão mais abrangente do novo modo de ser conservador no Brasil contemporâneo, pondo-se sobretudo contra a agenda política que nos últimos anos garantiu direitos às minorias, segmento que tem sido alvo por excelência desse neoconservadorismo.

Assim, busca-se analisar como se apresenta uma narrativa discursiva de líderes do pentecostalismo evangélico contemporâneo que se autodefinem como “conservadores” frente às disputas políticas e às transformações da vida social, tomando como *corpus* de análise os vídeos de Silas Malafaia publicados no segundo turno. Sendo essa a questão que norteia a concepção do texto, a metodologia escolhida foi a da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), uma vez se tratar de discursos políticos que circularam durante a campanha de 2020. Procedemos, assim, com a devida identificação dos vídeos que comporiam o material de análise e com a descrição dos elementos discursivos “exaustivos” e “representativos” das mensagens direcionadas aos eleitores (sobretudo as que apontavam a relação entre voto e fé).

Consideramos que o conjunto narrativo das declarações aqui analisadas fornece um importante horizonte hermenêutico para se pensar o conservadorismo-reacionário que tem se apropriado do espaço público brasileiro com diversos objetivos, o maior dos quais a captura da esfera institucional (Executivo e Legislativo em destaque) para a contemplação de interesses das instituições religiosas a que pertencem determinadas lideranças religiosas, destacando-se o intuito de impor a moralidade cristã, travestida de “valores da família brasileira” ou da “maioria do povo brasileiro”, garantindo assim maior poder àqueles que atuam como “guias” dessa “maioria”, apesar de, para isso, valer-se da ideia de um cenário político-social de “perseguição aos cristãos” ou de “cristofobia”.

EVANGÉLICOS, POLÍTICA E A AGENDA CONSERVADORA CONTEMPORÂNEA

Um dos aspectos mais importantes na compreensão das dinâmicas da representação política no Brasil contemporâneo, sem dúvida alguma, é a cada vez mais crescente presença de atores do campo religioso na esfera pública, o que significa dizer uma presença cada vez mais verificável nos espaços institucionais de representação, como os Parlamentos, alargando ainda mais uma presença já perceptível, sobretudo a partir dos anos de 1980, na esfera midiática. Pelo menos desde a realização da Assembleia Nacional Constituinte, realizada em 1986, observa-se um investimento em participação político-eleitoral de lideranças evangélicas, seja para fazer freio à presença da Igreja Católica nos espaços de decisão política do país, seja para ampliar o poder de influência das igrejas evangélicas, seja para impor-se como ator no jogo da reconstrução de valores da nacionalidade brasileira, daí a importância do investimento da chamada “agenda de costumes”, como veremos mais adiante.

Assim, umas das primeiras questões a se pontuar acerca da participação de religioso na política brasileira é a mudança demográfica pela qual o Brasil passou desde os anos de 1970, quando o catolicismo começa a deixar sua condição de religião hegemônica para dar dividir o mercado de oferta de bens religioso com outras crenças e instituições, com destaque para as igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais, fruto dos processos de modernização pelos quais a sociedade brasileira assiste desde

então. Importante balanço acerca da presença de atores do campo religioso na política contemporânea pode ser lido abaixo:

Transformações no quadro religioso no Brasil têm intensificado estudos na academia e chamado a atenção do público interessado no tema. Podemos identificar nelas a articulação de quatro fenômenos interligados entre si: 1- o fortalecimento do ramo pentecostal, com o surgimento de um sem-número de igrejas autônomas ou autóctones, o que transformou o cenário do cristianismo, ao provocar um crescimento explosivo da população evangélica e uma forte queda do número de católicos; 2- a ampliação da presença de igrejas evangélicas, majoritariamente pentecostais, nas mídias tradicionais e a extensa participação de diferentes segmentos desse grupo nas mídias digitais; 3- a maior ocupação de espaço dos evangélicos na política partidária, com a consequente consolidação da bancada evangélica (Frente Parlamentar Evangélica) e com nítidos projetos por mais espaços de poder na esfera pública por parte de algumas igrejas; 4- o crescimento do mercado da religião e o avanço do marketing religioso, que torna os cristãos um segmento de mercado, por meio da oferta de produtos e serviços especialmente desenhados para atender às suas necessidades religiosas, sejam de consumo de bens ou de lazer e entretenimento (CUNHA, 2017, p. 157).

Sabendo-se que enquanto normativamente a Modernidade legou um espaço de distinção da religião em relação ao espaço público, nomeado como o próprio Estado (separação esta que, no Brasil, produziu-se desde a Constituição de 1891, confirmado pela normatividade promulgada pela de 1988), socialmente, e como um “valor”, a religião tem adentrado exatamente tais espaços sociais tidos como laicos e republicanos, pelo menos desde os anos 1980 (radicalizando-se nos anos 2010), mobilizando os sujeitos do campo religioso a ações que os fazem “perceber o campo político como uma arena sujeita às influências demoníacas”, assim o sendo em razão do fato de que projetos de leis e políticas públicas estariam a ser postos em ação para corrigir distorções, “foi possível instaurar-se uma verdadeira cruzada no campo político”. (TADVALD, 2010, p. 84). Com esse movimento, fazem surgir uma “ação política regulada pelos ‘planos de deus’ expressos na bíblia” (CAMPOS, 2010, p. 41), planos esses que são devidamente codificados pelos “representantes de deus na terra”, os sacerdotes e pastores que dirigem as instituições religiosas e indicam-se a si mesmos ou a outros como os representantes do projeto divino no plano político. A política constituiu-se, assim, como um campo privilegiado de missão e ação religiosas, levando esses sujeitos a capturarem-na com sua linguagem de “guerra espiritual”, enxergando-a como um espaço por excelência da defesa de seus ideais, e vendo na oposição a tais ideais ou no aprofundamento do caráter laico do Estado, com a formulação de direitos

aos mais variados grupos sociais, o avanço de uma pauta “anticristã”, uma “destruição dos valores cristãos”, a “ameaça” à própria cristandade”.

O que tempos observado da atuação de religiosos nos espaços institucionais de representação política, no Brasil e na América Latina, é um processo de esgarçamento dos elos seculares que definem a política moderna, tendo como consequência imediata a promoção de um grupo específico da sociedade civil, de cunho religioso, autocentrado e monopolizador, enquadrando as ações estatais sob o molde do que seja “verdadeiramente cristão e moral” como tendo legitimidade *per si*, dando lugar a “práticas de construção identitária que evitam os diferentes”, resultando daí o “estímulo a uma certa intolerância fundada na crítica constante do ‘outro” (MIRANDA, 2010, p.39), agora dentro da esfera pública, no espaço de decisões políticas que deveria ser o *locus* da laicidade. Vivenciamos, assim, um conservadorismo impregnado que tende a ler a estrutura social e a ação do Estado vinculadas aos valores religiosos cristãos, ganhando o cristianismo o *status* de religião privilegiada e com pleno direito de influenciar os rumos do país: “a Bíblia transformou-se na grande referência ética para pensar a sociedade e a política” (MIRANDA, 1999, p. 14).

Essa perspectiva de análise é-nos interessante por nos fazer lembrar aquilo que Bourdieu (2004), ao tratar do que chama de “dissolução do religioso” (um contexto social em que a linguagem da religião e seu monopólio de definir legitimamente o que vem a ser o “religioso”), considera como sendo momentos em que “já não se percebe muito bem onde termina o espaço” de um campo ou outro (p. 121). Religião e política, pois, estariam de tal modo imbricados em nosso tempo que, ao ver um ator do campo religioso, como Malafaia, discursando, não sabemos se fala como religioso ou como político; que competência está ele a exercer: a competência de definir o religioso ou a de promover uma escolha política?

No mesmo sentido, Burity (2020) observa um conjunto de “tomadas de posição que se deram ao nível da atuação parlamentar”, mas não somente aí, por parte de indivíduos do campo religioso, baseadas em “visões literais ou alegóricas de passagens bíblicas”⁵, que têm se pautado pelos ataques às “questões de gênero, promoção da

⁵ Mesmo não sendo nosso objetivo pontuar aqui a definição e o debate em torno do “fundamentalismo religioso”, expressão tão corrente em rodas de conversa e análises no cenário contemporâneo, cumpre-nos

igualdade racial” dentre outros elementos que têm sido de fundamental importância para que grupos minoritários ou excluídos da sociedade moderna sejam incorporados às políticas públicas, ingressando, assim, na cidadania plena. Ao oporem-se a essas questões é a esses sujeitos mesmos que indivíduos do campo religioso têm, politicamente, se oposto, por verem em tais agendas o “perigo” e a “ameaça” aos seus valores.

Por isso mesmo é que o neoconservadorismo brasileiro, de feição evangélica, não pode ser compreendido sem, e nem pode ser deixado de lado na compreensão da, eleição presidencial de Jair Bolsonaro, em 2018. Embora não seja nosso objetivo apresentar uma análise substanciada acerca daquela eleição (destacando os mecanismos de legitimação do candidato frente ao segmento religioso de matriz cristã⁶), cumpre-nos destacar como a chegada de Jair Bolsonaro à Presidência da República tem significado para os segmentos conservadores um importante marco no ativismo político por ele levado a cabo, uma vez significar a “posse” do Poder Executivo central por parte daqueles que se mobilizam por uma “agenda moral” de fortalecimento dos valores do cristianismo no espaço público, assumido sem aparentes problemas à laicidade constitucional. Em torno de Bolsonaro, depois de várias disputas eleitorais em que líderes religiosos haviam exercido pressão para que parte de sua pauta fosse incorporada à plataforma de campanha - como se viu, por exemplo, com a discussão em torno do aborto, na eleição de 2010 – (MACHADO, 2012; SIUDA-AMBROZIAK, 2014) -, teria, em 2018, formado uma “coalizão neoconservadora”, produto da “aliança entre evangélicos, católicos conservadores e profissionais da segurança” (LACERDA, 2019, p. 194).

Se a disputa eleitoral de 2018 havia produzido uma aliança entre líderes evangélicos e o então candidato Jair Bolsonaro (incluindo aí Silas Malafaia como um dos mais ardorosos defensores de Jair⁷), o que seria transformado em apoio político durante o primeiro ano de governo; durante a pandemia de Covid-19, em 2020, ao opor-se ao fechamento de igrejas durante decretos de isolamento social emitidos por governadores e prefeitos, o presidente brasileiro veria estreitar-se certo sentimento de

apenas ponderar que um de seus elementos é exatamente a leitura literal dos textos bíblicos, aplicando-os descontextualizadamente ao mundo atual. Sobre isso, ver Ainz (2011).

⁶ Como se pode encontrar, por exemplo, nas análises de Silva (2020), Campos (2020) e Freston (2020).

⁷ O apoio midiático de líderes evangélicos ao candidato Bolsonaro foi analisado por Santos *et al* (2020).

recompensa, por parte do segmento, ao encampar os interesses das instituições religiosas, corroborando perspectivas de sujeitos como Edir Macedo e Silas Malafaia quanto às funções que igrejas desempenhariam em momentos de pandemia (SILVA&SILVEIRA, 2020; PY, 2020).

SILAS MALAFAIA: DE PASTOR A INFLUENCER DIGITAL

Nascido em 1958, Silas Malafaia é pastor e líder da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, fundada no Rio de Janeiro e, hoje, é a organizadora da *Marcha para Jesus* no estado. Desde 1999 atua como televangelista, com o programa Vitória em Cristo. Além disso, atua como escritor, tendo publicado mais de 50 livros para o público evangélico, todos por uma editora controlada por sua família. São de sua propriedade as empresas: editora Central Gospel, serviço de *streaming* Gospel Play, portal de notícias Verdade Gospel e gravadora Central Gospel Music. Autor de mais de 50 livros, apareceu como o quarto líder religioso mais influente do Brasil em lista produzida pelo site *Gospel Mais*⁸ (atrás de Edir Macedo, Valdomiro Santiago e R.R. Soares).

Tornou-se conhecido no Brasil e no exterior por sua atuação no programa de televisão Vitória em Cristo, que está no ar há quase 4 décadas. Atualmente exibido na RedeTV!, o programa também é transmitido em outros países. A organização evangélica a que pertence tem seis horas de programação diária na TV aberta (Bandeirantes, RedeTV e CNT).

Apesar de não atuar partidariamente, Silas Malafaia se tornou bastante conhecido no meio evangélico e fora dele por suas posições políticas constantes, sobretudo de enfrentamento às esquerdas, no mais das vezes destacando-se por declarações polêmicas. Pelo menos desde a eleição presidencial de 2010, quando se posicionou abertamente contra a então candidata Dilma Rousseff (PT) e em favor de José Serra (PSDB), tem posicionado publicamente nos embates eleitorais tentando legitimar-se como o enunciador dos “legítimos candidatos cristãos”.

⁸ Disponível em: <https://www.fuxicogospel.com.br/2018/08/17-lideres-religiosos-mais-influentes-do-brasil.html>. Acesso em 10/12/2020.

Naquela eleição, de 2010, chegou mesmo a encenar uma discussão com outra importante liderança do meio evangélico, o Bispo Edir Macedo, ao enunciar seu apoio a José Serra e produzir uma semântica em torno do que seria, de fato, um “voto cristão”:

21/10/2010

Evangélicos Edir Macedo, pró-Dilma, e Silas Malafaia, serrista, discutem pela web

Do UOL Eleições

O apoio aos candidatos à Presidência dividiu e provocou troca de acusações entre dois evangélicos, o pastor Silas Malafaia, da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, e o líder da Igreja Universal do Reino de Deus, bispo Edir Macedo, dono da TV Record.

Malafaia, que apareceu na propaganda eleitoral do candidato tucano, José Serra, decidiu publicar um vídeo em seu site rebatendo texto publicado por Edir Macedo em seu blog pessoal. Macedo defende a candidata Dilma Rousseff (PT). Intitulado “Cuidado com o profeta velho”, o texto de Macedo diz que Malafaia é levado ao engano ao decidir apoiar Serra.

“Veja o que aconteceu com o pastor Silas Malafaia, que iniciou a campanha política apoiando a candidata Marina Silva e depois, usando o argumento frágil de que o partido dela, o PV, apoiava o aborto, mudou de lado e, para justificar que não apoiaria a candidata Dilma, acusou o PT de ser a favor do aborto e apoiar o casamento de homossexuais. Pronto, o caminho estava aberto para, sabe-se lá com que interesse, apoiar o candidato Serra”, diz Macedo.

Como resposta, Malafaia diz que irá provar quem é o “falso profeta”, afirmando que o texto de Macedo possui “cinco mentiras e duas insinuações maldosas” contra ele. O pastor afirma que nunca disse que Marina apoiava o aborto, mas que mudou de ideia sobre seu apoio porque a candidata do PV não teria tido uma posição firme sobre o tema. “Ela ficou em cima do muro.” Macedo diz ainda que Serra, “em vários meios de comunicação”, disse que é “favorável ao casamento de homossexuais”.

Malafaia afirma nunca ter dito que o PT apoia o casamento homossexual. “O problema da Dilma é que ela mudou de ideia, agora diz que é contra pra não perder a eleição. Edir Macedo, você é o único pastor do mundo que é a favor do aborto”, diz no vídeo. O pastor afirma ainda que “Dilma e Serra têm uma mesma posição”. “Os dois são a favor da união civil homossexual e contra o casamento homossexual. Nós evangélicos somos contra os dois.”

Por fim, Malafaia diz que nunca foi comprado. “Eu norteio a minha vida por princípio. Eu não fui comprado por nada. Você foi comprado para defender Dilma, a tua emissora recebe milhões do governo, é chapa branca, com jornalismo tendencioso e não é independente como as outras”, atacou. “Quem mudou de lado? Na eleição de Lula e Collor, Macedo defendeu Collor e disse que Lula era o diabo. Você tem ganância de poder político”⁹.

Tendo dado seu apoio a José Serra naquela eleição na eleição presidencial de 2014, Malafaia postou-se como uma dos mais entusiasmados apoiadores de Aécio Neves (PSDB), mesmo tendo um candidato do meio evangélico (o Pastor Everaldo, do PSC), mantendo um forte tom de acusação ao partido em seus vídeos, e no processo de

⁹ Disponível em: <<https://eleicoes.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/10/21/apoio-a-presidenciaveis-provoca-briga-entre-malafaia-e-edir-macedo.jhtm>>. Acesso em 18 dez. 2020.

impedimento de Dilma Rousseff figurou como um dos defensores do “processo de limpeza” que o ato significaria, moção esta defendida por grande parte do segmento evangélico (PRANDI; CARNEIRO, 2017).

Desde a eleição de 2010, tem mantido o tom de acusação ao Partido dos Trabalhadores (PT) em particular, e à esquerda em geral, por tudo aquilo que considera como destruição dos “valores cristãos” e dos “valores da família” no Brasil e no mundo, atuando como importante porta-voz de propostas como o Escola sem Partido, denunciando o “marxismo cultural” e a “ideologia de gênero”, que foram elencados, neste ano de 2020, como motivos para o não voto em candidatos, conforme veremos. Por isso mesmo, em 2018 foi um dos maiores entusiastas da candidatura de Jair Bolsonaro à presidência, tendo um vídeo em que aparece “ungindo” Jair Bolsonaro, pós-eleição, como um dos mais compartilhados de sua lista¹⁰.

Sua projeção e relevância também se mostram nas redes sociais, das quais podemos destacar os seguintes números: *Twitter* - 1,4 milhões de seguidores; *YouTube* - 1,25 milhões de inscritos; *Facebook* - 2,4 milhões de seguidores; *Instagram* - 2,7 milhões de seguidores.

Apesar de seu relativo êxito como comunicador político¹¹, a julgar pelos números acima transcritos daqueles que o seguem como influenciador/formador e que, em tese, guiam-se por seus ensinamentos e declarações, sua participação no campo político também já produziu dissabores, como sua convocação, em 2016 para depor como suspeito na Operação Timóteo, da Polícia Federal, que investigava um esquema de lavagem de dinheiro em *royalties* da Petrobrás¹² - Malafaia teria emprestado contas correntes de uma instituição religiosa sob sua influência com a intenção de ocultar a origem ilícita de valores -, vindo a ser indicado no ano seguinte dentro da mesma investigação¹³.

¹⁰ O vídeo, que no momento de escrita deste artigo possuía mais de 2,5 milhões de visualizações, pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=y2nZ1HDT450>.

¹¹ Um importante estudo sobre Malafaia enquanto comunicador político na era digital foi produzido por Cesar (2019), tomando como *corpus* de análise sua mobilização via *twitter* nas eleições presidenciais de 2018, elaborando um considerável esboço de toda sua trajetória dentro da comunicação evangélica.

¹² Ver: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/malafaia-chega-a-pf-para-depor/>.

¹³ Conforme: <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/pf-indicia-pastor-silas-malafaia-em-inquerito-da-operacao-timoteo.ghtml>.

Postas estas breves considerações acerca da biografia de Silas Malafaia, passaremos à discussão teórica que escolhemos para analisar seus posicionamentos durante a disputa eleitoral em algumas cidades no segundo turno das eleições de 2020 em que, segundo nos parece, o pastor-influenciador digital acionou mais mecanismos de autolegitimação de si como um *player* do jogo político brasileiro, uma vez que sua pretensão de influenciar a disputa deu-se em cidades de diferentes regiões do país; o que produziu, sem dúvidas, sua posição de *player* político de direita conservador no espectro político brasileiro, uma vez que se opôs não somente a um partido político, mas à esquerda em geral.

LINGUAGEM, *ETHOS* E DISCURSO: MODOS (RELIGIOSOS) DE MANIPULAR A ESCOLHA POLÍTICA

A compreensão de enunciações discursivas produzidas socialmente, e com vistas a conquistar um determinado público, influenciando uma audiência cada vez mais ampliada, como parece ser nos tempos de redes sociais, exige-nos uma referência às teorias do discurso, sobretudo aquelas que destacam o papel do *ethos* enunciador e dos imaginários acionados nos processos da comunicação. A perspectiva teórica por aqui adotada é a de considerar, pois, o discurso como uma ação social, por meio do uso organizado da linguagem, que mobiliza imaginários socio-discursivos a partir da encenação por parte de um ator com vistas a produzir uma determinada ação (no caso, o não-voto) a partir daquilo que enuncia como sendo as razões para que a ação se efetive.

Ao falarmos de discurso estamos a nos referir a algo que acontece no campo da linguagem, o que nos exige uma definição de *quem* fala, sobre o *quê* se fala e a *quem* dirige sua fala. Por isso, partimos da seguinte definição de comunicação:

Representamos o ato de comunicar como um *dispositivo* cujo centro é ocupado pelo *sujeito falante* (o locutor, ao falar ou escrever), em relação com um outro parceiro (o interlocutor).

Os componentes desse dispositivo são:

-a *Situação de comunicação* que constitui o enquadre ao mesmo tempo *físico e mental* no qual se acham os parceiros da troca linguageira, os quais são determinados por uma *identidade* (psicológica e social) e ligados por um *contrato de comunicação*.

-os *Modos de organização* do discurso que constituem *princípios de organização* da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante: enunciar, descrever, contar, argumentar.

-a *Língua*, que constitui o material verbal estruturado em categorias linguísticas que possuem, ao mesmo tempo e de maneira consubstancial, uma *forma* e um *sentido*.

-o *Texto*, que representa o resultado material do ato de comunicação e que resulta de escolhas conscientes (ou inconscientes) feitas pelo sujeito falante dentre as *categorias de língua* e os *Modos de organização do discurso*, em função das restrições impostas pela *Situação* (CHARAUDEAU, 2016b, p. 67-68, grifos do autor).

Consideraremos o conjunto de discursos de Malafaia como essa “situação de comunicação”, em que o sujeito falante é o referido pastor, sendo seus seguidores os interlocutores, a situação de comunicação referindo-se à interação nas redes sociais em tempos de eleições, a identidade mobilizada pelo autor como a de “esclarecedor” ou “denunciante”, e uma comunicação organizada a partir da ideia de “alerta aos cristãos”.

Tomamos ainda a definição de Charaudeau (2016b) para compreender as declarações de Malafaia como organizados a partir de princípios enunciativo-descritivos; isso porque se percebe a “relação de influência” produzida em maior destaque do enunciador (Malafaia) sobre o interlocutor, fazendo valer o ponto de vista daquele sobre este, evidenciando a “posição do enunciador” em relação ao interlocutor, ao mundo e a outros discursos (que, como veremos, são lembrados para serem desmerecidos pela fala de Malafaia); além disso, “identificar e qualificar” outros sujeitos de maneira objetiva (esquerda, anticristãos, destruidores da família *etc*), localizando e qualificando outros sujeitos é um dos modos de organização desse tipo de discurso (2016b, p. 75) que encontramos nas enunciações de Silas Malafaia.

Outro elemento que importa aqui destacar, dentro da teoria do discurso, diz respeito aos componentes da construção enunciativa. Seguindo as definições do autor, encontramos uma referência que pode ser acionada para a compreensão do que aqui se pretende. Esta diz respeito ao “componente alocutivo”, que é acionado sempre que o sujeito falante enuncia algo que, em relação ao interlocutor, “o implica e lhe impõe um comportamento”, uma vez que o interlocutor “é instado, pelo ato de linguagem do locutor, a ter uma determinada reação: responder e/ou reagir” (2016b, p. 82). No caso aqui em questão, a argumentação de Malafaia implicava seu interlocutor, na condição de “cristão”, a seguir suas orientações e não votar nos candidatos da esquerda. A forma como seu interlocutor era acionado, “*povo abençoado de*” ou “meu irmão, deixa eu te

dizer uma coisa” dão mostras dos modos como esses elementos mesclavam-se nas declarações do pastor.

Além disso, “avisos” também compõem atos enunciativos de caráter alocutivos, uma vez que é papel do interlocutor, nesse tipo de comunicação, “estabelecer, no seu enunciado, uma ação direta a ser realizada, pois ele sabe que o interlocutor ignora” determinadas coisas, que serão reveladas pelo discurso (2016b, p. 88). “Depois não diga que você não foi alertado”, diz Malafaia em um dos discursos.

Não se pode esquecer, como lembra Charaudeau (2015), que mesmo que estejamos diante de modos de organização discursiva de viés narrativo ou descritivo, como supõe-se serem as comunicações midiáticas, “o acontecimento, como visão de mundo, é sempre construído” (2015, p.95). Os atos de fala, e a narração e a descrição são atos de fala, têm sempre um propósito, posto ser uma “tematização” ordenada do mundo pelo ato comunicativo. O espaço midiático estrutura-se por uma dúbia relação de informa e descrever/narrar, produzindo mesmo “acontecimentos” no momento em que os narra; isso será ainda mais observável nos tempos de redes sociais.

Em momentos de decisão política por meio de eleições, a possibilidade de “manipulação da escolha” molda ainda mais a produção de discursos e acontecimentos por parte de alguns atores do campo político. Tal manipulação, diz Charaudeau (2016a), efetiva-se sobretudo por meio dos modos como a palavra política circula e, também, por aquilo que circula como palavra política, podendo esta ser composta tanto por declarações de economistas, médicos ou lideranças religiosas, como é o caso aqui analisado. Para que tal comunicação seja efetiva, é preciso que o ator da comunicação seja alguém com credibilidade, mecanismo a que Bourdieu (2012) chamaria de “capital político”, digno de crédito, que portasse “uma maneira de ser” que demonstrasse “competência para falar” (CHARAUDEAU, 2016a, p. 73).

Também Pierre Bourdieu observa a existência de manipuladores da opinião pública que visam exercer “poder simbólico” sobre um conjunto de indivíduos, seja por meio da força que “um grupo lhe concede” (BORDIEU, 2012), seja por meio da manipulação mais direta, por meio da opinião, por exemplo, daquilo que se produz socialmente como crença/opinião/visão de mundo sobre algo:

Os agentes que estão em concorrência no campo de manipulação simbólica têm em comum o fato de exercerem uma ação simbólica. São pessoas que se

esforçam para manipular as visões de mundo (e, desse modo, para transformar as práticas) manipulando a estrutura da percepção do mundo (natural e social), manipulando as palavras, e, através delas, os princípios de construção da realidade social (BOURDIEU, 2004, p. 122).

Um aspecto importante da fala política é que ela “não tem nada a ver com a verdade absoluta”, lhe interessando apenas “o movimento das opiniões”, estando em jogo “uma questão de persuasão e de sedução”, fazendo com que o enunciador “apele para os sentimentos e que procure tocar a sensibilidade do auditório” (p. 88). Podemos ver tal faceta nos discursos de Malafaia ao vermos falar de pureza das crianças, perigo para as famílias etc. Há, assim, uma “dramatização” da vida pública, que descreve “a desordem social”, suscita “efeitos de compaixão, de indignação ou de angústia”, descreve “as causas” da desordem social, fabrica “os bodes expiatórios a serem sacrificados pela angústia social” e atua pela “exaltação de valores”, como os “da família”, para produzir sua ação desejada.

Pensando, por sua vez, segundo Maingueneau (2020), é possível observar como Malafaia articula três dimensões de *ethos*, que para o autor tem uma dimensão “de corpo, de autoidentificação da fala por um corpo saturado de avaliações sociais” (p. 84): quanto a seu “papel discursivo” e “extradiscursivo”, fala como um pregador; quanto a sua “dimensão experiencial”, mostra-se como alguém indignado e, por isso mesmo, agressivo; e quanto à “dimensão ideológica”, é um político conservador e de direita.

A GUERRA FINAL CONTRA A ESQUERDA: A DESCONSTRUÇÃO DE CANDIDATURAS NO 2º TURNO

Diferentemente de eleições anteriores, quando se envolveu mais diretamente na disputa apoiando ou declarando-se como ferrenho opositor de candidatos, atuando para desconstruir candidaturas de políticos de esquerda, nas eleições de 2020 observou-se uma postura mais discreta da parte de Silas Malafaia. Se tomarmos como exemplo sua cidade, o Rio de Janeiro, tal fato fica ainda mais perceptível. Apesar de o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) declarar apoio formal ao candidato à reeleição, Marcelo Crivella (Republicanos), que é bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus, Malafaia permaneceu neutro, sobretudo depois que seu irmão, o deputado Samuel

Malafaia, correligionário do então candidato Eduardo Paes, declarou apoio a este¹⁴. Destaca-se, contudo, que desde o início de 2020 o pastor já se mostrava tendente a tomar uma posição neutra na disputa de sua cidade, concentrando forças na reeleição do vereador Alexandre Isquierdo (DEM), que além de ser membro da igreja liderada por Malafaia, tem sido seu fiel escudeiro no Parlamento carioca, defendendo pautas de interesse do líder em seu mandato parlamentar, sendo mesmo nomeado por Malafaia como “meu vereador”¹⁵.

Figura 1: Apoio de Malafaia a Isquierdo



Fonte: A Pública

Apesar disso, no dia 06 de novembro, há pouco mais de uma semana da realização do primeiro turno da eleição, Malafaia publicou um vídeo em seu *twitter*, reproduzindo-o do seu canal no *YouTube* e no *Facebook* (como em todos os demais vídeos aqui analisados), em que pretendia fazer alguns “alertas” aos cristãos. Vejamos a transcrição do vídeo abaixo, destacando alguns elementos:

ATENÇÃO, CATÓLICOS E EVANGÉLICOS! Não podemos ser enganados nestas eleições!

¹⁴ Sobre isso, ver: <https://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2020/liderancas-evangelicas-redefinem-apoios-no-rio-em-sao-paulo-no-segundo-turno-24759714>. Acesso em 11 nov 2020.

¹⁵ Sobre isso, ver: <https://veja.abril.com.br/politica/crivella-e-paes-nao-terao-apoio-de-silas-malafaia-a-prefeitura-do-rio/>. Acesso em 11 nov.2020.

78 mil visualizações 6 de nov. de 2020

Povo abençoado do Brasil, eu quero dar um alerta a católicos e evangélicos, não podemos errar nessas eleições, preste atenção as denúncias comprovadas que vou fazer aqui! Escute bem o PT, o PSOL, PDT, o PSB, PCdoB entraram com uma ação no Supremo Tribunal Federal para derrubar a portaria do Ministério da Saúde que faz com que uma mulher que diz ser vítima de estupro, quando chegar no SUS é obrigada a denunciar o estupro, esses partidos não querem, sabe por que? Sabe qual é o jogo? Porque só existe uma maneira de fazer aborto legal no Brasil, vítima de estupro, então a mulher chega no hospital diz que foi estuprada, não precisa provar, aí o médico faz um aborto ilegal e outra protege esses canalhas estupradores, isso é uma vergonha! Outra verdade, durante quatro anos todas as câmaras municipais que colocaram em votação a questão da ideologia de gênero, PT, PSOL, PDT, PSB e PCdoB votaram-se a favor desse lixo moral que quer ensinar nossas crianças, não é adolescente de 16 anos não, a criança que ela quando ela nasce não menino, nem menina, trazendo graves consequências à identidade sexual desses seres humanos, isso é uma vergonha. Também o PT, PSOL e PCdoB votaram contra se dobrar pena por corrupção na pandemia, essa roubalheira na saúde. Como é que podemos votar nessa gente? Uma outra coisa quando em parada gay, feministas esculhambaram com símbolos católicos, evangélico nenhum desses partidos emitiram uma nota de protesto. PT, PSOL, PDT, PSB e PCdoB, como é que nós vamos votar nessa gente, cuja a ideologia marxista, que vai contra a ideologia cristã que norteia o mundo ocidental, foi o cristianismo que trouxe direitos humanos, proteção à vida, valorização da mulher, da criança e do idoso, proteção à família! Não, marxismo não, eles querem mudar esse modelo e nós vamos dá voto para essa gente? Não vote em prefeito cuja cabeça de chapa for de PT, PSOL, PDT, PSB e PCdoB e não vote em vereadores! Essa é a nossa arma, essa arma da cidadania, vamos votar contra essa gente que quer destruir valores cristãos, quem é a favor da ideologia deles, do lixo moral que vote neles! Deus abençoe você, a sua Família! Deus abençoe o Brasil e livre dessa gente!¹⁶

“Como podemos votar nessa gente?” A qualificação depreciativa – “dessa gente” – para referir-se à esquerda – a quem se deve dar “pau”¹⁷ – é acompanhada da apreciação positiva do “povo abençoado”, que definiria os evangélicos. Povo x gente, assim, seria uma constante no modo como Malafaia organizaria sua comunicação midiática durante o período aqui analisado. Nesse primeiro discurso estarão presentes, já, todos os elementos de ataques aos candidatos da esquerda que seriam feitos nos dias seguintes, mobilizando os imaginários em torno da “ideologia de gênero”, das questões relacionadas ao aborto e das ameaças à fé cristã. Assim, Malafaia se punha numa

¹⁶ Disponível em: <https://twitter.com/pastormalafaia/status/1325204084287107073>. Acesso em 10 dez. 2020.

¹⁷ Sobre isso ver a entrevista com o pastor publicada em: <https://apublica.org/2020/11/silas-malafaia-sobre-esquerda-nao-tem-moleza-e-pau-e-ideologico>. Acesso em 01 dez. 2020.

“guerra santa” contra toda a esquerda. O leitor poderá observar como os outros vídeos repetirão os argumentos postos neste primeiro.

No dia 18 de novembro, dois outros vídeos seriam publicados em suas redes. O primeiro deles tinha como objetivo deslegitimar, frente aos cristãos, o candidato do PSOL em São Paulo, Guilherme Boulos, que disputava o segundo turno com o prefeito Bruno Covas (PSDB). Observemos, pois, os elementos já presentes no vídeo anterior:

POR QUE CRISTÃOS NÃO DEVEM VOTAR EM BOULOS, DO PSOL!

98 mil visualizações

Povo abençoado do Brasil, especial povo de São Paulo, *eu vou falar porque eu um cristão não deve votar em Boulos do PSOL. Você tem que entender que não se separa Boulos do PSOL, porque ele pertence partido.* Vamos para o PSOL, o PSOL é um partido de extrema-esquerda, sustentado pela ideologia marxista, a mesma ideologia que sustenta governos de Cuba, Coreia do Norte e China, *essa mesma ideologia que coitada dessa garotada que está na universidade sendo enganada pela propaganda desses professores marxista. [...] O PSOL junto do PT, do PCdoB, PSB e do PT em todas as câmaras municipais onde foi discutida a ideologia de gênero e eles queriam introduzir isso na escola, você sabe aquela história ideológica de que ninguém nasce menino, nem menina e que se escolhe, eles querem crianças para deturpar, tirando dos pais aquilo que é garantido na Constituição a educação dos filhos. [...] Seu Boulos é coordenador do MST, o movimento dos trabalhadores sem-teto que invade propriedade privadas, que a garantida pela constituição e que a crime no código penal, essa que é verdade. [...] Povo de São Paulo diga não a Boulos e povo cristão, Boulos, ele defende a ideologia marxista, que é contra a ideologia Cristã que você diz ser.* Então fica aqui a minha palavra. *Que Deus livre São Paulo desse camarada!*¹⁸

O segundo deles tratava na sucessão em São Gonçalo (RJ). Disputaram o segundo turno naquela cidade o ex-prefeito Dimas Gadelha (PT) e Capitão Nelson (AVANTE). A campanha foi marcada por uma série de inverdades publicadas sobre o candidato petista, com destaque para aquelas que diziam que ele iria “implantar a ideologia de gênero nas escolas”, que “iria fechar igrejas” por conta da pandemia de Covid-19 e contava com o apoio da deputada Flordelis, que estava sendo acusada de participar da morte de seu marido, em 2019.

NOVO VÍDEO! POVO DE SÃO GONÇALO(RJ), O PT ESTÁ ENGANANDO VOCÊS!

¹⁸ Disponível em: <https://twitter.com/pastormalafaia/status/1329152759359295489>>. Acesso em 29 nov. 2020. Grifos nossos.

26 mil visualizações•22 de nov. de 2020

Povo abençoado de São Gonçalo, *O PT quer enganar vocês*, não adianta montar videozinho para tentar me denegrir, porque eu não tenho medo da verdade, *eu vou mostrar aqui a verdade*. Em 2016 eu apoiei esse atual prefeito, tanto que não tenho rabo preso, que tô descendo o pau, porque eu não tenho bola de cristal para adivinhar se o cara vai fazer um bom governo ou não. Agora o PT quer esconder, o atual prefeito apoia o candidato do PT porque foi seu secretário de saúde, vão pedir ele para gravar um vídeo para mentir para o povo de São Gonçalo? *E o que é que ele fez baixou um decreto de isolamento mantendo shoppings, galerias, até salão de festa abertos, mas mandando fechar a igreja, por quê?* Para o povo evangélico que é quarenta por cento da população de São Gonçalo não possam se reunir no domingo, dia 22, antes das eleições, essa que é a verdade, a verdade é essa aqui. [...]. Outra, o PT é responsável pelo maior esquema de roubalheira da história política do Brasil e o desemprego está aí por causa deles. *É o PT que em tudo que câmara Municipal na discussão de Ideologia de Gênero foram a favor que ensinassem para as crianças a sexualidade, tirando dos pais a autoridade constitucional de educar, essas cartilhas que são na verdade um grande lixo moral, é o PT e os partidos de esquerda que entraram no Supremo Tribunal Federal para que uma mulher que sofre estupro não denuncie seu estuprador. Eu quero conclamar o povo Cristão de São Gonçalo, diga não a Ideologia Marxista do PT que é contra o cristianismo, diga não ao PT. Vote Capitão Nelson 70! Diga não ao PT! Vote Capitão Nelson 70, o cara tem vida limpa, vai fazer um grande trabalho por São Gonçalo! Deus Abençoe você e sua família!*¹⁹

No dia 21 de novembro, iniciando a semana de declarações das razões do não voto em candidato de esquerda pela cidade de Fortaleza, Malafaia fazia circular seu primeiro vídeo, às vésperas do segundo turno. Na capital do Ceará a disputa se dava entre José Sarto (PDT), candidato do prefeito Roberto Cláudio e apoiado pelo grupo dos irmãos Ferreira Gomes (Cid e Ciro), e Capitão Wagner (PROS), que reuniu em torno de si importantes nomes de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro, com destaque para lideranças religiosas evangélicas²⁰; este fato produziu uma ampla aliança, no segundo turno, de todos os candidatos (com exceção de Heitor Freire, do PSL) em favor de José Sarto para que se derrotasse, na cidade, “o bolsonarismo”.

Assim, Wagner já contava, àquela data, com a declaração de apoio de importantes nomes do show gospel, como Reges Danese e Aline Barros, e Malafaia viria a se juntar a eles na “cruzada religiosa” em torno do candidato, declarando o seguinte em vídeo compartilhado pela campanha de Wagner e por outros apoiadores:

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4gYa0gk5beY>. Acesso em 30 nov. 2020.

²⁰ Levantamento do apoio destas lideranças foi analisado em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/observatorio-das-eleicoes/2020/11/28/capitao-wagner-e-o-fundamentalismo-religioso-na-disputa-de-fortaleza.htm>.

Povo abençoado de Fortaleza, diga não ao PDT! Eu quero lembrar vocês que o PDT junto com os partidos de esquerda em todas as câmaras municipais que foi discutido ideologia de gênero eles foram a favor. O que é esse lixo moral? Ensinar a crianças a sexualidade. Pertence aos pais direito garantido pela constituição a educação dos filhos, também o PDT junto dos partidos de esquerda entraram no Supremo Tribunal Federal para que uma mulher que sofre estupro não denuncie o estupro. Gente vamos dar um não! Vamos dar um basta nessa gente que tem ideologias totalmente contrárias a nossos princípios e pra isso dar um não neles votando em Capitão Wagner 90! Povo abençoado de Fortaleza, Capitão Wagner 90! Deus abençoe você! Deus abençoe sua família! Deus abençoe Fortaleza! Deus abençoe o Brasil!²¹

Três seriam as razões para não se votar no candidato José Sarto: sua filiação do PDT, o partido que teria sido “a favor” da “ideologia de gênero”, a posição do partido contra a “denúncia” de estupro e, o que nos parece mais grave, por ser de uma ideologia “totalmente contrária” ao cristianismo. Logo, segundo se pode entender de sua argumentação, o voto no PDT: faria o cristão ser a favor “de ensinar sexualidade às crianças” e estimular mulheres a “não denunciar abusadores”, e, ainda mais, eleger políticos que poriam fim à fé cristã.

Aqui é importante registrar que a declaração de Malafaia contra o “PDT” não ecoa no real. Quando o Plano Municipal de Educação foi votado na cidade, em 2015, a questão de gênero – que falava apenas de combater a discriminação sexual nas escolas – foi retirada do Plano exatamente por um vereador do PDT, Antônio Henrique, tendo sido seguido por todos os parlamentares do partido, que eram da base aliada no prefeito, também do PDT; assim, não houve, ao menos na cidade, essa ação por parte do “PDT”, como Malafaia insinua em sua declaração. Contudo, no contexto de uma disputa eleitoral ela porta uma dimensão de verdade semântica, que produz significado para além da verdade factual²².

Por sua vez, Recife veria um vídeo publicado sobre a disputa ali em 28 de novembro. Estavam no segundo turno os primos Marília Arraes (PT) e João Campos (PSB), filho do ex-governador Eduardo Campos e netos de Miguel Arraes. A campanha

²¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/priscilacostaoficial/videos/povo-de-fortaleza-muita-aten%C3%A7%C3%A3o-nesse-2%C2%BA-turno-voc%C3%AA-tem-certeza-que-o-candidato-/376282223608638/>>. Acesso em 15 dez. 2020. Grifos nossos

²² Alguns autores, como Bucci (2019), têm refletido sobre as implicações do uso de declarações falsas e *fake news* no que diz respeito ao futuro da própria democracia, uma vez que prescindem da verdade factual para fazerem-se circular como informações. Esse caso específico de omissão de um dado real, o não-apoio do PDT municipal às discussões de gênero (que setores conservadores têm nomeado como “ideologia de gênero”) corresponderia ao que o autor nomeia como “apagões de real”.

em Recife foi marcada por um considerável conjunto de *fake news* contra Marília, com destaque para a “imposição da ideologia de gênero” e para a oposição de Marília à bíblia²³. Isso fez com que a candidata petista buscasse, no segundo turno, apoio de lideranças evangélicas para legitimarem-na frente a este eleitorado, assim como receber o apoio de partidos e lideranças que apoiavam o governo de Jair Bolsonaro. Interessante no caso do vídeo de Recife é que se vinha falando dos partidos de esquerda em geral, incluindo o PSB em sua lista, Malafaia apelaria aqui a uma suposta amizade com Eduardo Campos e a uma suposta religiosidade deste para se posicionar favorável ao candidato João:

21 mil visualizações

Povo abençoado de Recife a verdade ela tem que ser dita, se tem um cara da esquerda que eu respeitava mesmo discordando ideologicamente dele, esse cara foi Eduardo Campos, esse camarada uma vez ele pegou um avião de Recife veio aqui no Rio conversar comigo. Eu tive boas discussões ideológicas com Eduardo Campos, mas esse camarada sempre respeitou a igreja evangélica em Pernambuco, então gente para pra pensar, eu sou duro em relação ao voto de esquerda, mas é uma escolha de Sofia que vocês tem que fazer aí, *vocês cristãos, nós não podemos de hipótese alguma voltar em PT*, o PT foi varrido derrotado fragorosamente no nordeste. O maior esquema de corrupção da história política do país é do PT e então vamos dizer não ao PT! João Campos 40, tenho certeza que ele vai respeitar os princípios do seu pai em relação aos cristãos de Recife. Deus abençoe você! Deus abençoe sua família! Deus abençoe Recife!²⁴

Outro “alerta aos evangélicos” em torno de um “perigo”²⁵ seria compartilhado em 25 de novembro, novamente emitindo razões para “acabar com a esquerda” no Brasil:

PERIGO! UM ALERTA AOS EVANGÉLICOS DO BRASIL

237 mil visualizações

²³ Sobre isso ver: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/11/panfletos-distorcem-frase-de-marilia-arraes-sobre-a-biblia.shtml>>; <<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2020/11/eleicao-recife-antipetismo-ataques-morais>>; <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/marilia-arraes-vota-apos-missa-e-encontro-com-evangelicos,e653f1b15793ebfdcd493b1dbca204aasra8yhcyj.html>>. Acessos em: 02/12/2020.

²⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9Gzwy9kvdIY>>. Acesso em 25 dez. 2020.

²⁵ Douglas (1976) analisou os processos sociais produzidos pela bipartição entre pureza e impureza e a ideia de “perigo” nas sociedades. Pôde-se observar tal uso da noção de “perigo” representado pela possibilidade de vitória destes candidatos de esquerda no pleito em questão no que diz respeito aos interesses e à manutenção dos valores cristãos na sociedade.

Povo abençoado do Brasil eu tenho uma palavra muito importante, *é um perigo grande que eu quero aqui avisar aos evangélicos do Brasil e vale para qualquer pessoa que se considera um verdadeiro Cristão*, presta atenção, eu estou há 38 anos ininterruptos na TV brasileira, *há 34 eu venho dando consciência de cidadania aos evangélicos*. A partir de 1996 começamos *uma guerra de ideias ideológicas com o movimento gay, ativista gay*, isso a partir de 1996. Em 2006 nós tivemos o PL122, um projeto de lei do PT apoiado por toda a esquerda PSOL, PDT, PSB, PCdoB, o PT. O que quer dizer esse PL? Entre tantas aberrações *que se o Pastor ou Padre colocasse para fora do pátio da igreja um casal gay que tivessem se beijando, três a cinco anos de cadeia*, bem conseguimos derrotar essa porcaria, mas eles não sossegam, *eu fui processado várias vezes, tentaram cassar minha credencial de psicólogo e eu sempre avisei aos evangélicos que a questão, eles não são tão preocupados com a prática sexual deles, eles querem impor a sua ideologia*. Eu fui criticado muitas vezes, *que nós estamos vendo agora? As escolas não comemoram dia dos Pais e das Mães, sabe por quê? Por causa de filhos de casais gays, quer dizer a maioria é infringido, maioria, porque a minoria quer, faça um dia então para filhos de casais gays*. Agora olha isso aqui, o PT e o PSOL fizeram Projeto de lei 5002/2013, que um garoto de 12 anos poderia mudar de sexo sem consentimento dos pais, este lixo foi arquivado, também esses partidos, presta muita atenção aí, ideologia de gênero, toda discussão nas câmaras municipais de ideologia de gênero, esses partidos e *agora eu vou dar o número , PT 13 , PSOL 50, PDT 12, PSB 40, PCdoB 65*, esses partidos votaram a favor desse lixo, *que é na verdade pegar crianças e confundir a sua identidade sexual com ensino a pseudo ideia de bullying, mas na verdade querendo ensinar a sexualidade, quando a constituição dá esse direito aos pais e agora também esses mesmos partidos entraram no Supremo Tribunal, fazendo o quê? Para que uma mulher que sofre estupro e vai para o SUS não denuncie o estuprador, que o ministério da saúde baixou uma norma. Agora senhores escutem, todos esses partidos que acabei de citar, a base deles é o marxismo cultural, vai ler o que é a escola de Frankfurt, vai ver o que é que o marxismo cultural quer, eles lutam contra a família tradicional que consideram um poder opressor, eles têm uma guerra ideológica contra a religião, eles se julgam dono da verdade, querem controlar o pensamento pelo politicamente correto. Vocês já viram que se você for contra aborto, contra casamento gay, contra a ideologia de gênero, te chamam de fascista, de fundamentalista. É a tentativa para nos calar e mudar o paradigma do mundo ocidental, meu irmão a coisa é mais séria do que você pensa, depois não diga que você não foi alertado. Vamos parar com essas paixões idiotas! Eu já votei em Lula, eu já votei neles! Eu já votei, mas meu amigo quando a gente passa entender e a ver isso nós não podemos dar voto para essa gente, porque são contra nossos princípios e valores. Fica aqui um alerta ao povo evangélico não vote PT 13, PSOL 50, PDT 12, PSB 40, PCdoB 65. Deus livre o Brasil da Ideologia dessa gente e não se engane povo evangélico, eles são contra nossos princípios e chega agora na eleição dão uma de bonzinho até hino cantam, quero deixar aqui esse alerta para você. Deus abençoe o Brasil! Deus abençoe você! Deus abençoe sua família e tem tempo de benção para nação brasileira e para você! Deus abençoe!²⁶*

²⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wx4YIOtXb4>>. Acesso em 01 dez. 2020. Grifos nossos.

O apelo aos eleitores cristãos de São Paulo seria retomado, em 27 de novembro, junto com uma interpelação aos eleitores de Porto Alegre, que deveriam optar entre Manuela D'Ávila (PCdoB) e Nelson Marchezan (MDB). Malafaia repetiria os mesmos argumentos, mas acrescentava o fato de eleitores evangélicos que viessem a não comparecer às urnas dariam oportunidade para que “marxistas” e “esquerdopatas” elegessem seus candidatos. Há, assim, uma incitação à “cidadania religiosa”, com a defesa do voto a partir de ganhos que viria a trazer para a permanência do cristianismo na sociedade brasileira.

UM VERDADEIRO CRISTÃO NÃO VOTA EM MANUELA D'ÁVILA NEM EM BOULOS! SABE POR QUÊ?

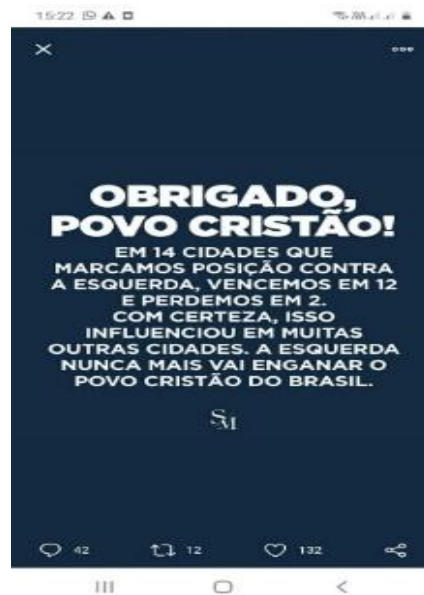
19 mil visualizações

Povo abençoado do Brasil, preste bastante atenção! *Porque um verdadeiro cristão não vota em Manuela d'Ávila do PCdoB e Boulos do PSOL?* Por uma questão apenas pessoal de não gostar? - Não. *Pelo fundamento ideológico deles tanto o PCdoB, como do PSOL, são partidos da esquerda radical, sustentados pelo Marxismo cultural, vai ver o que que o Marxismo prega, eles são contra a família, dizem que é o último reduto de autoridade ou opressão sobre as pessoas, eles são a favor do controle da educação pelo Estado e outra você nunca viu esses partidos, essa gente partidos, essa gente fazer uma crítica a esse lixo moral dessas cartilhas que querem deturpar nossas crianças nas escola.* Esses partidos, a discussão em Câmara Municipal de ideologia de gênero eles foram a favor. *Como é que você que você, diz que é o verdadeiro Cristão vai votar nessa gente? Pelo amor de Deus, o Marxismo é contra o cristianismo e vai ver a história, vai ver o que eles fizeram, eles dominaram, o que fizeram com pensamento, a ideia e o cristianismo.* Minha gente quem é Boulos? O cara que comanda um movimento que invade a propriedade privada que é garantida pela constituição, é crime. Se você é favor dele, você é a favor que ele invada também a sua propriedade. *Você não vai votar não? Você vai ficar em casa? Os esquerdopatas vão lá votar neles, depois não reclame. E você que é Cristão, depois não adianta orar, use o seu voto contra essa gente. Não vote! Povo de Porto Alegre, você é cristão? Não vote em Manuela d'Ávila! São Paulo você é cristão? Não vote em Boulos! Diga não a essa gente! Deus tenha misericórdia do Brasil! Deus abençoe você! Deus abençoe sua família! Deus abençoe o nosso país e nos livre dessa gente!*²⁷

Ao fim da eleição, com os resultados eleitorais consolidados, Malafaia agradeceria os votos dados a seus candidatos por meio da seguinte imagem postada em sua *twitter*:

²⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/pastormalafaia/status/1332346219432173572>>. Acesso em 30 nov. 2020. Grifos nossos.

Figura 2: Resultado



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se tentou realizar nesse texto foi uma análise daquilo que se observou no segundo turno das eleições municipais de 2020: a mobilização do campo religioso frente à possibilidade de vitória de candidatos de esquerda em importantes cidades do país, a partir da atuação discursiva de Silas Malafaia, líder evangélico com considerável capital político e midiático. Isso foi possível, tal mobilização, dentro de um conjunto de relações cada vez mais estreitas entre movimentações do campo religioso (com destaque para evangélicos pentecostais) e interesses políticos; ou melhor, pelo estreitamento de interesses políticos de sujeitos do campo religioso.

A midiaticização da sociedade oferece oportunidade sem igual para que atores sociais extrapolem os limites de sua atuação e passem a atuar no intuito de acumular notoriedade em outras esferas, aumentando assim seu espectro de atuação e performatizando um discurso que o apresente como representante de uma coletividade cada vez mais ampla; passa, assim, a defender os interesses não apenas de seu grupo, mas de toda uma coletividade. Foi assim que, ao que nos parece, mobilizando seu considerável capital midiático-político-religioso, Malafaia foi exitoso num discurso que, elencando possíveis perigos para a cristandade, falou ao “povo abençoado” do país e

produziu, nas cidades aqui consideradas, o resultado enunciado por seus atos comunicativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AINZ, Alexandra. Acotando el concepto de fundamentalismo: una definicion. **Anuário Teológico**, n. 13, vol. 1, 2011, Buenos Aires.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 16.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Braziliense, 2004.

BUCCI, Eugenio. **Existe democracia sem verdade factual?** Cultura política, imprensa e bibliotecas públicas em tempos de *fake news*. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

BURITY, Joanildo. Ola conservadora y surgimento de la nueva derecha cristiana brasileña? La coyuntura postimpeachment em Brasil. **Ciencias Sociales y Religión**, v.22, p. 1-24, 2020.

CAMPOS, Leonildo Silveira. O projeto político de “governo do justo”: os recuos e avanços dos evangélicos nas eleições de 2006 e 2010 para a Câmara Federal. **Debates do NER**, ano II, n.18, pp. 39-82, jul/dez., Porto Alegre, 2010.

CESAR, Larissa de Oliveira. **Pastor Silas Malafaia nas eleições de 2018: o uso estratégico do Twitter como palanque no cotidiano midiático**. 2019. 229 f. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano). Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. São Paulo: Contexto, 2016a.

_____. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2016b.

_____. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, Magali. “É preciso salvar a família”: gênero, religião e política no contexto do neoconservadorismo evangélico nas mídias no Brasil. In: VITAL, Christina; LOPES, Paulo Victor; LUI, Janayna. **Religião e Política: medos sociais, extremismo religioso e as eleições de 2014**. Rio de Janeiro: Fundação Henrich Boll Stiftung, 2017.

_____. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FRESTON, Paul. Bolsonaro, o populismo, os evangélicos e a América Latina. In CARRANZA, Brenda; GUADALUPE, José Luiz Pérez. **Novo ativismo político no Brasil**: os evangélicos do século XXI. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

LACERDA, Marina Bosso. **O novo conservadorismo brasileiro**: de Reagan a Bolsonaro. Porto Alegre: Zouk, 2019.

MACHADO, Maria das Dores. Aborto e ativismo religioso nas eleições de 2010. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n.7, p.25-37, jan.-abr. 2012.

MAINGENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. São Paulo: Parábola, 2020.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” – Escola Sem Partido e as leis da mordaza no Parlamento brasileiro. **Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, vol. 7. N.15, 2016, p.590-621.

MIRANDA, Julia. Convivendo com o “diferente”: juventude carismática e tolerância religiosa. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 30, n.1, p. 117-142, 2010.

_____. **Carisma, sociedade e política**: novas linguagens o religioso no político. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

PRANDI, Reginaldo; CARNEIRO, João Luiz. Em nome do pai: Justificativas do voto dos deputados federais evangélicos e não evangélicos na abertura do impeachment de Dilma Rousseff. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.33, n.96 São Paulo, 2017.

PY, Fabio. **Pandemia cristofascista**. São Paulo: Editora Recriar, 2020.

SANTOS, Marcela Barba *et all*. Mídia, religião e política: o discurso combativo de pastores pentecostais nas eleições presidenciais de 2018. **Tríade**, Sorocaba, SP, v. 8, n. 18, 2020.

SILVA, Emanuel Freitas da. “Deus acima de tudo”: a performatividade religiosa como estratégia de legitimação de Bolsonaro, o “presidente cristão”. In: SILVA, Emanuel Freitas da; LUZ, Andrea; FROTA, Horacio. **Atores políticos e dinâmicas eleitorais**. Fortaleza: Ed. Meta, 2020.

SILVA, Emanuel Freitas da; SILVEIRA, Emerson Sena da. A pandemia de covid-19 sob a benção de Bolsonaro e evangélicos: mobilização política anti-ciência, saber mágico e pós-verdade. **Revista Inter-Legere**, Natal, v. 3, n. 29, 2020.

SIUDA-AMBROZIAK, Renata. A religião e política no Brasil contemporâneo – o caso das eleições presidenciais de 2010. **Revista del CESLA**, No. 17, 2014, pp. 101-115, 2014.

TADVALD, Marcelo. Eleitos de deus e pelo povo: os evangélicos e as eleições federais de 2010. **Debates do NER**, ano II, n.18, pp. 83-109, jul/dez., Porto Alegre, 2010.

WEBER, Max. As seitas protestantes e o espírito do capitalismo. In: WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

Recebido em 27 de dezembro de 2020.

Aprovado em 22 de abril de 2021.